

RELATO DE ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS COM CRIANÇAS AUTISTAS

ARTHUR DE LIMA ESPINOSA¹; DÉBORA MATILDE DE ALMEIDA²; NATHÁLIA
BOCK³; SABRINA DE OLIVEIRA CAPELLA⁴; MARIA TEREZA
NOGUEIRA⁵; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – arthurespinosa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – deby.almeida@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - nathybock@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - capellas.oliveira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - mtdnogueira@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A atividade assistida por animais é uma intervenção complementar que proporciona melhorias em áreas emocionais, cognitivas, sociais, físicas e mentais, que teve origem em 1792, quando uma clínica psiquiátrica na Inglaterra, passou a utilizar animais como auxiliares no tratamento de pacientes esquizofrênicos que conviviam em condição subumana (LAMPERT, 2014). No Brasil a prática foi iniciada na década de 50 em um Hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro pela psiquiatra Nise da Silveira, que discordava do uso de técnicas agressivas aos pacientes. A psiquiatra adotou a técnica após perceber a melhora de um internado que cuidava de uma cadela abandonada no hospital. Segundo ela, o paciente instituiu o animal como ponto de referência afetiva estável em sua vida, frente a sua responsabilidade de cuidar dele (VIEIRA, 2013).

Diversos animais podem ser utilizados como catalizadores em intervenções assistidas por animais (IAAs), porém devido à facilidade de ser adestrado e o forte vínculo com o homem o cão é a principal escolha (LAMPERT, 2014). A interação homem-cão traz benefícios como melhora na pressão arterial, incentivo a prática de atividades físicas, aumento da sociabilização e comunicação, além de ser grande auxiliar na diminuição do estresse, da solidão, depressão e ser responsável por causar uma melhora no humor (RIBEIRO, 2011).

O autismo infantil é uma síndrome com um aspecto amplo, apresentando diferentes variações e intensidades, que se caracteriza por alterações nas capacidades de comunicação e interação social, além de restrição, estereotipia e repetição de comportamentos, atividades e interesses (MAGALHÃES, 2014). A síndrome não tem cura, mas seus sintomas podem ser minimizados através de terapias (MUÑOZ, 2014). A presença do cão é um facilitador para que o psicólogo ensine a criança a se comunicar, interagir e brincar, desenvolvendo assim, características sociais e cognitivas que estavam em déficit sem que esta se sinta pressionada (LAMPERT, 2014).

Este trabalho tem como objetivo relatar as atividades realizadas com cães coterapeutas no Centro de Atendimento ao Autista Dr. Danilo Rolim de Moura, situado em Pelotas, Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

O Pet Terapia é um projeto desenvolvido desde 2006 por acadêmicos e professores da Universidade Federal de Pelotas. O projeto atua promovendo intervenções assistidas por animais na região de Pelotas, sendo realizadas visitas semanais em diversas instituições, incluindo o Centro de Atendimento ao Autista Dr. Danilo Rolim de Moura.

As atividades no Centro de atendimento ao autista foram realizadas semanalmente no período de maio a julho, onde nesse período foram atendidas 12 crianças. Os atendimentos eram individualizados, utilizando o cão como mediador, sendo realizados pela equipe do Pet terapia, contando com funcionários, acadêmicos da veterinária e da psicologia juntamente com supervisão de médico veterinário e psicólogo.

Para o desenvolvimento das atividades era avaliado o paciente para verificar as suas necessidades individuais e a partir daí eram determinados os objetivos a serem alcançados. Portanto primeiramente era trabalhada a interação do cão com a criança onde o animal era escolhido a partir da personalidade do paciente: cães mais calmos eram destinados a crianças que estavam iniciando na terapia ou que não fossem receptivas a muito contato, crianças agitadas eram destinadas a cães com mais energia para que pudessem correr e jogar bolinha, e crianças com personalidade intermediária tinham cão com personalidade compatível.

O contato entre criança e cão era estimulado por atividades como o ato de acariciar, escovar pelos, auxiliar na escovação de dentes, segurar a guia, guiar o cão em passeios curtos ou simplesmente pelo contato visual. Também foram promovidas atividades que estimulavam o raciocínio por meio de um jogo interativo e atividades em colete educativo usado pelo animal que incentivou a motricidade fina e grossa, além do raciocínio. .

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos ao longo das visitas que o contato com o cão, mesmo que aos poucos, estimulou a criança a iniciar a interação com o mundo, sendo o cão um mediador para que no futuro esse contato se estenda para as pessoas. Este resultado é compatível com um estudo que aponta o cão como facilitador das interações (LAMPERT, 2014). Uma das características do autismo é a dificuldade de interação social e de comunicação, sendo que muitas vezes o portador se isola apresentando também desinteresse nas reações e emoções de outras pessoas, bem como dificuldade de expressar e entender suas próprias (RIBEIRO, 2011; ROMA, 2015).

Durante todos os atendimentos houve o cuidado para que não houvesse desconforto entre paciente e cão terapeuta, logo, crianças com receio de tocar no animal foram direcionadas a apenas assistir o cão enquanto este procurava petiscos escondidos em peças coloridas, dessa forma a aproximação ocorreu naturalmente sem que a criança se sentisse pressionada a interagir com o animal. Isso porque o cão busca o contato com o paciente se a fim de induzir o portador de autismo a interação (LAMPERT, 2014). Conforme a ligação entre paciente e cão aumentava era perceptível a satisfação de ambos durante o atendimento.

O uso do colete educativo permitiu o contato das crianças com os cães através do estímulo com cores, bolsos, zíperes, botões, presilhas, etc., favorecendo a relação entre eles. Obter a atenção de uma criança com autismo por muitas vezes pode ser uma tarefa difícil devido a sua dificuldade e falta de interesse em interagir socialmente (MAGALHÃES, 2014). Segundo estudos a memória do autista é voltada para o visual, assim a criança ter se mostrado mais interessada a interagir com o cão quando este fez o uso do colete educativo demonstrou a importância do uso de artigos de apoio (BERNARDI, 2013).

4. CONCLUSÕES

As intervenções assistidas por animais se mostram eficazes na melhora do bem estar e condição de vida das crianças autistas. Os resultados são gradativos e podem variar de criança para criança, sendo de extrema importância à continuidade das atividades para um bom resultado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDI, DSTD; REIS, D. Autistas, um novo desafio em sala. **Revista Artes Visuais**, Santa Catarina, V.1, n,1, p. 44-46, 2013.

LAMPERT, m. **Benefícios da relação homem-animal**. 2014. Monografia (graduação em veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

MAGALHÃES, MFS. **O recurso a animais nas intervenções em crianças com Perturbações do Espectro do Autismo**. 2014. Dissertação (mestrado em medicina) – Universidade do Porto.

MUÑOZ, POL. **Terapia assistida por animais – interação entre cães e crianças autistas**. 2014. Dissertação (mestrado em psicologia) – Programa de pós-graduação em psicologia experimental, Universidade federal de São Paulo.

RIBEIRO, AFA. Cães domesticados e os benefícios da interação. **Revista Brasileira de Direito animal**, Salvador, v.8, n.1, p.249-262, 2011.

ROMA, RPS. **A influência do cão na expressividade emocional de crianças com transtorno do espectro do autismo**. 2015. Tese (mestrado em psicologia) – Programa de pós-graduação em psicologia experimental, Universidade Federal de São Paulo.

VIEIRA, FR. **A terapia assistida por animais (TAA) como recurso terapêutico na clínica da terapia ocupacional**. 2013. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em terapia ocupacional) – Universidade de Brasília